

Ruy e Constâncio

EUGÊNIO GOMES

FALANDO, há poucos dias, sôbre o centenário de um companheiro de advocacia de Ruy, Aloísio de Carvalho Filho lembrou, da tribuna do Senado, que “as nações, quando reverenciam os seus pró-homens voltam-se também para os amigos desses grandes homens, buscando as afinidades de coração e de espírito que os ligaram.”

Com efeito, as homenagens com que a Bahia vai comemorar, acompanhada por todo o país, o primeiro século de seu grande filho, abrem uma perspectiva excepcionalmente favorável à evocação daqueles que Ruy incluía em sua família de coração ou de espírito.

Ruy era a orquestra, como disseram anteriormente de Vitor Hugo para exprimir a grandeza poliédrica de seu gênio, e por isso empolgava as multidões. Mas há as vozes isoladas e discretas, os solistas em surdina, que não se dirigem jamais a auditórios enormes e compactos.

Não se deve esquecer que, em meio às expansões mais ou menos rumorosas com que foi celebrado, nesta capital, o jubileu cívico de Ruy Barbosa, houve um momento em que todos apuraram o ouvido para escutar uma destas raras vozes, a palavra de Constâncio Alves.

Embora seja a sua contraparte intelectual, Constâncio estava ligado a Ruy por uma amizade e uma admiração que vinham dos tempos em que ambos batalhavam lado a lado na redação do “Diário da Bahia”. E foi a sua palavra comedida que teve, naquela ocasião, o poder sugestivo de transportar Ruy à Bahia que mais lhe falava ao coração de filho. “Quando êle, há pouco — disse Ruy Barbosa, agradecendo a homenagem da Biblioteca Nacional — se ergueu com essa doçura sua de maneiras, hesitante, retraído e da bôca lhe entrou a deslizar, em veia contínua, murmurante, animada, essa palavra cristalina como linfa nascida, rolando no fio da corrente piscas e grãos de ouro tive nitidamente a visão de nossa terra comum; pareceu-me, e ainda me parece vê-la, assentada na montanha, acenando-nos de longe, sorrindo-nos do anil do céu, resplandecendo com as estrelas da sua coroa, e banhando as plantas nas ondas que alvejam desmanchadas à orla dos seus ma-

res”. Entretanto, o escritor baiano que pôde operar êsse arrebatamento, sem recorrer a tropos de oratória sensacional, talvez seja ainda agora aquêlo que é menos lembrado em sua terra, com a qual, aliás, já não tinha por fim outro vínculo senão o de nascimento.

Constâncio Alves não pagava êsse desinteresse na mesma moeda e sentia-se tão prêso à Bahia de seu tempo, que só pecava em querer que a nossa terra se conservasse como êle a deixara, no derradeiro quartel do século passado. Mas isso é um pecado comum a todo exilado, voluntário ou não, e pelo qual Eça de Queiroz foi zurzido por seus compatriotas.

O irresistível feitiço com que a Bahia sabe captar admiradores, de tôda parte, envolvendo-os numa atmosfera capitolosa de seduções, não exclui seus filhos e, nestes, quando muito tempo longe dela, traduz-se geralmente numa nostalgia perene, em que há sempre um odor de incenso e um festivo bimbalar de sinos.

Constâncio Alves não pôde disfarçar êsse sentimento, quando, escrevendo sôbre Santo Antônio, e evocando as novenas de Santo Antônio Além do Carmo, abriu o coração às confidências: — “Meu catolicismo é baiano. São baianos os meus santos. Não é preciso dizer que são muitos. Aquela cidade parece uma duplicata da Bem-aventurança. Algumas das suas procissões dão a ilusão de que a Côte do céu saiu a passeio por aquelas ladeiras. Estou revendo agora a do meu querido Benedito com um numeroso acompanhamento de santos e santas. Passa diante de mim, no seu andor enfeitado, uma cesta de flores levada por um vasto mar negro de crioulas, em que a brancura dos torsos parece a brancura das espumas. Quando, há pouco, glorificaram aqui Nossa Senhora Aparecida, ajoelhei-me, num gesto familiar, diante de Nossa Senhora da Conceição de minha terra, que saía da Catedral, em charola, balouçando-se em cima de uma rosa imensa, seguida pela tropa, em grande gala, que prestava honras militares à Rainha dos Anjos, por ser padroeira do império. Sempre que preciso de defumar esta alma pecadora com o incenso da prece, vou em espírito

à Bahia, como um doente vai a uma estação de águas: entro numa daquelas velhas igrejas conhecidas, recorro aos santos da minha infância, amizades antigas, em cuja terapêutica confio, e regresso curado”.

Está aí o segredo da sutil e incurável impregnação baiana, da qual nem mesmo o incrível pode escapar...

E foi isso que permitiu Constâncio Alves escrever, com enternecimento, sobre o Santo Antônio da terra natal, sem ser propriamente um homem de fé. Tocado pela graça suavemente filtrada em sua nostálgica evocação da Bahia religiosa, o amável ironista a Anatole France enriqueceu grandemente o hagiológico brasileiro com as suas admiráveis crônicas sobre Santo Antônio.

Constâncio Alves não corresponde à idéia generalizada de que, quem nasce naquelas plagas, está inevitavelmente fadado a só escrever ou falar em termos discursivos.

Não foi, aliás, sem uma razão psicológica muito significativa que o autor de “Figuras” esboçou, com especial simpatia, o panegírico de Santo Antônio, o orador. Numa terra onde a igreja é que dava os modelos de oratória, os espíritos têm que optar entre dois pólos: a espontaneidade de um Santo Antônio ou a fogosa retórica de um Antônio Vieira. Dêste lado, está a Bahia barroca de que Ruy Barbosa foi o expoente máximo. Mas, o pólo que deu um Ruy é também aquele em que encon-

tram atmosfera propícia as inteligências que Constâncio chamava janelleiras. “Há inteligências janelleiras — escreveu êle — sempre à mostra, a namorar quem passa, a chamar a atenção de todos para os seus atrativos”. Sua fascinação pelo Santo Antônio orador advinha justamente de que o santo casamenteiro era uma inteligência de tipo oposto, uma “inteligência claustal”. Definindo-a, definiu-se também Constâncio Alves, “cujos hábitos meditativos de beneditino” já Ruy Barbosa procurara realçar, apontando nêle um legítimo escritor de raça.

Quando Viana Moog afirmou, numa interpretação discutível da literatura brasileira, que o eruditismo é o “genius loci” da Bahia, resumiu os seus argumentos neste sentido indicando Ruy como a própria iconografia da cultura baiana. Essa generalização, pela qual Castro Alves é dado significativamente como absurdo nos quadros da Bahia, não invalida a coexistência, na cultura baiana, de valores que, embora opostos, não se atiram nem se combatem, antes se conciliam numa alta esfera de idealismo humano.

Assim, o altar cívico que a Bahia fará resplandecer de luzes votivas, em honra a Ruy Barbosa, deve, também, incluir uma delas em lembrança de Constâncio Alves. E não há dúvida que isso será bem recebido pelo santo maior daquele altar.

(Transcrito do “Correio da Manhã” de 30-11-49).

* * *

A evolução das indústrias de base científica — quer no seu aspecto intrínseco, quer no que respeita ao seu papel na transformação do ambiente universal, ou, ainda, no seu aspecto de força motriz da riqueza e do fomento à produção — é descrita com tamanha precisão, que mais parece representar contribuição de um professor da matéria, do que simples elementos alinhados por um legislador que, sem qualquer veleidade de especialização, passasse pelo assunto apenas para desempenhar-se de um dever momentâneo. A preferência de Ruy pelo desenho ficará, aliás, claramente compreendida, desde que não esqueçamos que dessa arte é que nos advêm as mais claras noções que a teoria conseguiu, até hoje, ministrar-nos, sobre as imagens e as representações interiores, com que logramos exprimir a realidade externa. (Monte Arraes).

* * *

Inspirado pelos grandes financistas americanos, por Hamilton, Dallas, John Sherman é que Ruy pôde transformar nossa situação econômica. Aplicando na prática seus conhecimentos históricos, o que, ainda jovem adolescente, êle aprendera acêrca dos Estados Unidos nos livros de Fish, de Jefferson, não cai no erro dos norte-americanos que tinham conferido aos estados-membros o direito de emitir. Não obstante o seu federalismo — êsse federalismo que o fizera combater tão veementemente a monarquia — ou melhor, pela profunda compreensão do federalismo, recusa-se êle a conceder o direito de emitir aos estados, inspirando-se na ampla e triste lição tanto dos Estados Unidos quanto da Suíça. Neste último país, por exemplo, que era uma confederação e ainda não — como o é hoje — uma federação, havia numerosos bancos emissores, dificultando assim as operações financeiras de todo gênero. Em 1867, criava-se uma *clearing house* destinada ao serviço de descontos para o reembolso recíproco das diversas notas. Arnold Wald.